



## Desenho e Cidade

### DIMENSÕES DO DESENHO: IDENTIDADE E MEMÓRIA MUSICAL NA PAISAGEM SONORA URBANA

#### *DRAWING DIMENSIONS: IDENTITY AND MUSICAL MEMORY IN THE URBAN SOUND LANDSCAPE*

José Wilson Martins Fialho Filho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este breve estudo pretende estabelecer uma relação do desenho presente na paisagem sonora das cidades, pensando em espaço urbano. Busca-se enxergar através das memórias de seus habitantes, e de como desenham suas identidades e como são construídas culturalmente por meio da influência das músicas e sons que se apresentam na urbe. Levando em conta a memória como uma construção coletiva e agente de transformação social e identitária de indivíduos e grupos. Apresenta-se de maneira objetiva uma literatura que se torna alicerce na obtenção dos conceitos ligados a temática pesquisada, assim como na correlação entre as obras e os meandros da matéria em produção. Assim sendo, Rodrigues (2003), Gomes (1996), Pesavento (1995), Napolitano (2005), Hall (1992), Sodré (2005) e Schafer (1997) formam o lastro teórico metodológico para este presente trabalho.

**Palavras-chave:** desenho, identidade, cultura, memória, paisagem sonora.

**Abstract:** This brief study aims to establish a relationship between the design present in the soundscape of cities, thinking of urban space. We seek to see through the memories of its inhabitants, and how they draw their identities and how they are culturally constructed through the influence of music and sounds that are presented in the city. Taking into account memory as a collective construction and agent of social and identity transformation of individuals and groups. It presents in an objective way a literature that becomes the foundation for obtaining the concepts related to the researched theme, as well as for the correlation between the works and the intricacies of the subject in production. Therefore, Rodrigues (2003), Gomes (1996), Pesavento (1995), Napolitano (2005), Hall (1992), Sodré (2005) and Schafer (1997) form the methodological theoretical basis for this present work.

**Keywords:** design, identity, culture, memory, soundscape.

## 1 INTRODUÇÃO

O esforço da pesquisa se inicia na compreensão das teorias que servirão de suporte teórico-metodológico, a fim de que as leituras formem a base que darão sustentação e direção aos trabalhos da referida pesquisa. Aquelas que serão aqui expostas são de grande valor para este trabalho, assim como para outros que versem sobre as mesmas temáticas. Acredito que os temas discutidos, estão longe de serem “esgotados” apesar da brevidade deste artigo. Essa investigação expressa a direção de como delimitar as dimensões do desenho como conceito e fazê-lo dialogar com a paisagem sonora urbana.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Desenho Cultura e Interatividade (PPGDCI - UEFS)  
Email: fialho.martins@gmail.com

O conceito de desenho atende a um campo temático vasto – o que o faz conciliar-se muito bem com estudos interdisciplinares, além de propor observações diversas sobre a construção do imaginário humano. Ao propor pesquisas sobre suas origens e contribuições, os estudiosos têm ao longo dos séculos se debruçado sobre a ideia de que o desenho vem designando - em linhas gerais - tudo o que é feito pelo homem e transmitido de geração para geração. Diante disso, na tentativa de mobilizar o pensamento para que não se concentre em um propósito limitado é pertinente que se possa indagar sobre as dimensões do conceito de desenho na visão de estudiosos que se concentraram em analisá-lo com um olhar sensível fundamentados nas ciências sociais, na filosofia e nas artes.

Apesar de haver uma quantidade significativa de discussões que convocam o desenho como ponto de partida para uma observação acerca do comportamento, expressão e das relações entre os indivíduos, é adequado para qualquer proposta de pesquisa, alimentar debates, propor diferentes pontos de vista, além de renovar constantemente o panorama sobre o desenho em uma sociedade que vem sendo transformada pela internet e pelas redes sociais. Desse modo, procura-se neste Artigo, refletir sobre o conceito de desenho e a subjetividade dos sujeitos lançando um olhar sobre a paisagem sonora.

A motivação para este assunto é resultado de um recorte do projeto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade em 2021, sob orientação do Professor Doutor Eduardo Oliveira Miranda – tendo como título, até o presente momento: O Desenho dos Sons: música, memória e identidade na paisagem sonora de Feira de Santana.

A pesquisa dialoga sobre a produção de uma memória imagética e musical do indivíduo a partir da paisagem sonora urbana, abrangendo identidade, comportamento e cultura como marco inicial. A amplitude do conceito de desenho vem a contribuir nos caminhos e processos da pesquisa na sua tarefa de atuar contra limitações e estruturas estabelecidas sobre o seu significado; colaborando para interpretar os movimentos do homem em sociedade; observando as construções de imagens materiais e imateriais e entendendo que desenhar é, sobretudo, projetar, planejar, intencionar e designar.

Este trabalho visa responder a seguinte questão: como as dimensões do conceito de desenho servem de base para compreender a subjetividade dos sujeitos a partir das suas referências culturais compartilhadas na paisagem sonora urbana? Com isso, pretende-se investigar as possibilidades

narrativas imagéticas dos sujeitos com um olhar técnico, apurado e criativo – convocando para a discussão uma diversidade de autores que ajudam a enriquecer o estudo. Nesse sentido, a revisão de uma literatura concatenada e atualizada é o suporte empregado para embasar a análise.

Este esforço analítico tem sustentação teórica no conceito de desenho sob o viés de Rodrigues (2003) que traz no texto intitulado *O que é Desenho*, uma reflexão contundente sobre o complexo conceito a partir das artes e das ciências sociais. O presente trabalho conta ainda com uma investigação de Isoda (2013) *Sobre Desenho: Estudo Teórico Visual*, sobre a complexidade do desenho como técnica, arte, fazer e pensar; Gomes (1996) com o texto *Desenhismo*, que levanta questões relativas à cultura material do desenho e, em particular, às pessoas que se encontram envolvidas com as práticas acadêmicas, de pesquisa, vocacional artística e do Desenho Industrial. Nesse sentido, *Desenhismo* funciona como um estímulo não só à percepção do significado que o desenho desempenha no desenvolvimento cultural, mas um histórico da trajetória do desenho. Pesavento (1995) com o estudo *Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano*; sobre a compreensão do espaço urbano, juntamente com Napolitano (2005) em *História e música: História Cultural da música popular*, ambos contribuem para uma elaboração do espaço urbano enquanto fundador de uma nova dinâmica cultural e social.

Para analisar a subjetividade do sujeito, e suas implicações na identidade e memória este trabalho se concentra em Hall (1992) e Halbwachs (1990), assim como a cultura como elemento fundante destas identidades lançamos mão das contribuições de Laraia (2001) e Sodré (2005), trazendo ainda para a discussão Murray Schafer com *A Afinação do Mundo* (1997) nos fornecendo uma rica abordagem a cerca da paisagem sonora. Dada a complexidade dos conceitos e caminhos reflexivos deste estudo é imprescindível a inserção de outros autores que serão citados de maneira pontual a fim de tornar este texto mais fluido e profícuo na provocação de novos debates – tanto para quem o lê, como para quem o escreve.

## **2 DIMENSÕES DO CONCEITO DE DESENHO**

A existência humana, as subjetividades e suas expressões através do desenho fazem parte da ação de viver e são questões que atravessam séculos - acometidas por diferentes leituras. O ato de desenhar tem um lugar quase inerente ao cotidiano dos seres humanos desde a infância e por isso, torna-se inevitável tentar defini-la. Seus dilemas, suas multiplicidades se mostram inesgotáveis.

Ao introduzir suas considerações, Rodrigues (2003) chama a atenção para o fato de que qualquer tentativa de simplificar o conceito de desenho pode tornar o termo fragilizado justamente pela sua potência de sentidos.<sup>2</sup> Por essa razão, o texto “O que é Desenho”, não se põe a categorizar ou limitar o significado de desenho. Assim, a autora segue pontuando que o desenho está muito além de ser apenas um talento inato, mas, sobretudo uma capacidade de observação e abstração que se concretiza por meio do ato de desenhar.<sup>3</sup>

O desenho não está no lugar de capacidade inata a alguns indivíduos, mas sim como uma tradução daquilo que somos, enquanto seres complexos e plurais, associando a variedade de formas de desenho com a multiplicidade humana. Nesse viés, “Um desenho é parecido conosco, uma estrutura mental complexa, com identidade própria e única, num suporte frágil e mortal.” (Rodrigues, 2003, p. 13). Dessa maneira, teorizar o desenho passa por afastar-se de qualquer reducionismo. Os indivíduos estão em constantes processos e o desenho promove o encontro do mundo objetivo com o mundo subjetivo dos atores sociais.

Em “Sobre Desenho: Estudo Teórico Visual”, Gil Tokio de Tani e Isoda (2013) ressalta que o problema e o foco de interesse é justamente sobre o termo “desenho” e a complexidade das suas possíveis definições. Chamando a atenção para a atual definição do termo e do seu aparente sentido material, aproximando-o com frequência da noção de: “representação, obra de arte, delineamento, figura, forma, etc.” e se distanciando dos processos mentais de percepção tais como, “desígnio, intenção, projeto, idealização, procedimento mental.”<sup>4</sup>

Até meados do século XVII, defende a autora, a definição de desenho em português era visto como algo mental, como ter uma ideia, concebe-la.<sup>5</sup> Nessa convergência destaca-se a ênfase do caráter cognitivo do desenho que não só significa conceber uma nova ideia mas também apreender novas, perceber o mundo a nossa volta e ainda ser meio para a expressão daquilo que sentimos, planejamos e projetamos. Nesse caminho, aponta-nos que “O desenho nos permite perceber, atribuir, e desvendar esses significados. E não só isso, mas ajuda também a evidenciar e comunicar esses significados apreendidos” (Isoda, 2013, p. 34) Portanto a análise do desenho como conteúdo, forma, expressão e meio de aprendizagem se mostra essencial para uma análise desenvolvida da cultura material e imaterial.

---

<sup>2</sup> “Desenhar não só implica um gesto controlado da mão, como envolve processos mentais e capacidades de abstração tão complexos que são, em si mesmos, um desafio para estabelecer a aproximação ao que tenderá para uma definição.” (RODRIGUES, 2003, p. 9)

<sup>3</sup> (RODRIGUES, 2003, p. 10)

<sup>4</sup> (ISODA, 2013, p. 20)

<sup>5</sup> (ISODA, 2013, p. 42)

Seguindo na ideia de ampliação do olhar sobre o desenho, Luiz Vidal Negreiros Gomes (1996) declara na introdução de *Desenhismo* que “O desenho é um das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos.” (Gomes, 1996, p. 13) de modo que qualquer limitação sobre o seu significado se torna raso e mesmo que haja um esforço bem intencionado, não é suficiente para eliminá-la. O texto ressalta a relevância que se faz presente na tentativa de definir e conceituar o desenho é justamente o que a torna proveitosa e fascinante. A ideia de que desenhar no sentido de projetar, planejar uma ação, materializar uma ideia, dada a sua complexidade, acaba se tornando uma espécie de parâmetro existencial da humanidade se a considerarmos uma propriedade universal das formas humanas de vida.

Pensando que o desenho está na linguagem, na técnica, na produção da arte, na ciência, no âmbito doméstico – e que tudo isso se move no desenvolvimento espiritual e material dos sujeitos - em “Pensar o Desenho: linguagem, história e prática”, Peixoto (2013) reitera que a necessidade de entender o desenho está para além das “brincadeiras de criança” e da “atividade especializada” dos artistas ou técnicos. Defende que o desenho deve ser entendido como “projeto” e só dessa forma teremos uma maior compreensão da dimensão do desenho e do ato de desenhar. Incluindo ações do cotidiano no âmbito do desenho, ajudando assim a ampliar cada vez mais o conceito.<sup>6</sup>

Dessa maneira, a autora defende o desenho como arcabouço central de toda criação humana, seja ela material ou imaterial, e mais fundamentalmente ainda quando se fala da produção artística e de suas nuances. Percebe-se uma elasticidade no conceito de desenho de modo que fica entendido que uma maneira afinada de se aproximar do termo reside na tentativa de compreendê-lo, afastando-se do julgamento, da definição concreta e da limitação. A partir de então, com a reflexão pautada na diversidade do conceito de desenho, a construção da subjetividade do sujeito, na arte, na condição humana em relacionar-se consigo mesmo, e com o mundo – abre uma brecha para se pensar: no modo de viver, na experimentação com as diferenças e em uma estética da existência. “Por isso, acreditamos que seja tão importante, para um artista, desenvolver o seu desenho, tanto tecnicamente quanto poeticamente.” (Peixoto, 2013, p. 22).

## 2.1 A subjetividade do sujeito e a paisagem sonora urbana

---

<sup>6</sup> “No latim, desenho vem da palavra *designio*, que significa projeto, plano ou propósito, e confunde-se com o desejo. *Designar* é desejar criar, projetar, planejar. *Desenhar*, originalmente, está ligado a essa primeira ideia, ao primeiro vislumbre de uma realização, ou seja, o desenho está presente em qualquer ação humana.” (PEIXOTO, 2013, p. 12).

Desde que passaram a fazer parte de uma sociedade urbana, as pessoas reconfiguraram o modo de se relacionar enquanto indivíduos, assim como coletivamente, inauguraram no ambiente de experiências mútuas que naturalmente fazem parte da humanidade: o desejo por interação; o processo de identificação e o desenvolvimento da subjetivação.

No texto “Muito além do Espaço: Por uma história Cultural do Urbano”, Pesavento (1995) nos convida a compreender que “Pensar o social através de suas representações é, a nosso ver, uma preocupação contemporânea do nosso fim de século, balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade que pôs em xeque a objetividade e racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas.” (1995, p. 280).

Ao tratar a subjetividade como fenômeno descentralizado que produz uma complexidade imagética dando sentido a criação e reprodução de significados, aponta a autora que “No caso, a representação é a presentificação de um ausente, que é dado a ver segundo uma imagem, mental ou material, que se distancia do mimetismo puro e simples e trabalha com uma atribuição de sentido.” (1995, p. 280). Nesse sentido, cada narrativa e suas representações parecem revelar a particularidade dos sujeitos que compartilham na urbe as suas experiências, na realidade, fazem parte de um conglomerado de vivências onde não se pode definir um ponto de partida.

Ao analisar a sonoridade do contexto urbano é possível perceber a organização e disposição desta manifestação que representa um desenho traçado pelos registros impressos na memória dos sujeitos e grupos sociais. As pessoas que são ‘bombardeadas’ todos os dias por uma infinidade de sons e músicas são de alguma forma influenciados: suas roupas, seus comportamentos, suas formas de pensar, o seu entendimento de mundo, as escolhas culturais, suas profissões, entre outros. Tudo está interligado ao pensar e fazer na construção de suas memórias.<sup>7</sup>

A paisagem sonora das cidades sofre alterações nas suas características a depender de cada região geográfica e momento histórico. O conceito almejado é irrefutável, existe uma ligação entre memória coletiva e os elementos que compõem a sonoridade urbana, produzindo uma manifestação genuína de identidades. Ou seja, a memória está intimamente relacionada à personalidade, uma vez que a primeira é fruto de um fazer coletivo, partilhado com outros sujeitos que se identificam.

Assim como Halbwachs (1990) entendo que a memória coletiva encontra seu lugar na tradição e também a dinamiza no contexto dos quadros sociais desenvolvidos por um grupo. No

---

<sup>7</sup> “Pensando na contemporaneidade, é fácil percebermos como a música é parte integrante de nossas vidas, o que se intensificou ainda mais com o desenvolvimento tecnológico e das mais diversas formas de mídia/meios de comunicação. Ela representa uma linguagem local e global, na medida em que se difunde pela sociedade, valendo-se de sua capacidade de traduzir os sentimentos, atitudes e valores.” (OLIVEIRA, 2012, P. 02)

caso dos sons que se escutam nas cidades, várias pessoas vão sendo impactadas e com isso, se tornam também propagadores de determinadas músicas passando assim a compartilhar suas preferências e estilos com seus possíveis interlocutores nos mais variados espaços de sociabilidade. Nesse momento, pouco importa se o interlocutor convive com a música de uma maneira ativa ou se não entende profundamente sobre estilos e suas especificidades.<sup>8</sup>

A sonoridade e musicalidade difundida no meio urbano fazem da rua um território de convergência de muitos valores e ideias vivenciados pela sociedade contemporânea, tornando-se um centro difusor das memórias e dos seus passeios pela história; arte; consumo; personalidade; comunicação e estilo – vinculados aos elementos desenhísticos do cotidiano que se apresentam neste espaço. Pensando nesse sentido as artes – no nosso caso específico a música - se mostra como um meio e um fim para a expressão e análise do elencado acima, para isso nos apoiamos em Silvio Zamboni (1998).<sup>9</sup> Enquanto recurso interativo, o ambiente sonoro/musical da rua possibilita a reafirmação de vínculos sociais e identidades, assim como expressa ou reafirma a identidade como um dos conceitos seminais para descrever a função da canção para a autorrealização social e estética.<sup>10</sup>

Segundo R. Murray Schafer, em seu livro “A Afinação do Mundo” (1997, p. 23) o conceito de paisagem sonora se descreve como “qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico”. Concluindo que se trata de uma construção imagética ocupada por identidades diversas que transitam por espaços reais, virtuais, fechados e abertos, íntimos e coletivos, constitutivos da paisagem urbana com repercussões em diversas esferas da vida social e cultural, portanto, quando discuto sobre paisagem, ambiente ou campo sonoro me refiro a todos os espaços onde se pode notar e desenhar a presença de uma sonoridade, seja ela musical e/ou ruidosa.

Sendo assim, os sujeitos que convivem nesses ambientes sonoros urbanos contribuem para a sua composição, mas também são impelidos, diversas vezes, a ouvir algo imposto. Desse modo, Schafer (1997, p. 12) aponta que em “[...] primeiro lugar, precisamos ensinar às pessoas como ouvir mais cuidadosamente e criticamente a paisagem sonora; depois, precisamos solicitar sua ajuda para replanejá-la”. É importante notar ainda como este desenho sonoro das cidades estão sendo

---

<sup>8</sup> HALBWACHS Maurice. A memória coletiva. São Paulo. Centauro.1990

<sup>9</sup> “Não obstante, é necessário entender que a arte não só é conhecimento por si só, mas também pode constituir-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que extraímos dela uma compreensão da experiência humana e dos seus valores.” (ZAMBONI, 1998, p. 20)

<sup>10</sup> “A canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação, principalmente quando se difunde pelo universo urbano” (MORAES, 2000, p. 204)

negociados e explorados “A maior parte dos sons que ouvimos nas cidades, hoje em dia, pertence a alguém e é utilizada retoricamente para atrair nossa atenção ou para nos vender alguma coisa.”

Ainda sobre os estudos a respeito da música, sobretudo a popular, como objeto de análise e pesquisa, Napolitano na obra “História e Música: História Cultural da Música Popular” (2005, p.77) defende que para o pesquisador da área de música o grande obstáculo consiste em “mapear as camadas de sentido embutidas numa obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história, evitando, ao mesmo tempo, as simplificações e mecanicismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica e complexa de qualquer documento de natureza estética”.

Nesse sentido, a compreensão musical da paisagem sonora de nossas cidades está ligada não só a maneira como esta música é transmitida, mas, sobretudo pela forma como ela é recebida e transformada pela sua audiência, seja ela direta ou indireta. Construindo e reafirmando identidades culturais com base nos elementos que são transmitidos pela paisagem juntamente com as percepções daqueles que a vivenciam sendo receptores e autores ao mesmo passo.

Imbricado a tais aspectos, perceber a música como um fenômeno cultural e identitário é um passo expressivo na dinâmica da comunicação que vem se solidificando através dos sons compartilhados pelos moradores das cidades. Entendendo a música que se propaga nos centros urbanos como parte da construção cultural desses indivíduos, e mais ainda, a cultura como determinante de muitos outros aspectos da experiência humana, Laraia (2001, p. 68) define; “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.”

A cultura por meio da expressão artística/mística/laboral produz identidade e sentido para os agentes sociais e, sobretudo para os grupos a que pertencem, acentuando as tradições e saberes, Sodré (2005, p.19) pontua que “A literatura, as artes implicariam também dispositivos de controle do sentido produzido pelo conjunto das classes sociais. Por meio deles, consolida-se a separação entre o sublime e vulgar, entre a cultura elevada e a cultura popular, entre o superior (universal) e o inferior.” A sonoridade urbana certamente age de tal maneira, a criar pressupostos e assertivas simbólicas.

A musicalidade e a cultura são modalidades de comunicação verbal e não verbal que surgem a todo momento, nos centros urbanos funcionando ainda como aspecto mediador entre os sujeitos e os grupos sociais e culturais em que estão envolvidos. Segundo Hall (1992, p. 88) “Em toda parte,



estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos de diferentes tradições culturais”.

Nesse panorama, a identidade sonora é criada e transformada pelos sujeitos a partir de suas intencionalidades e dos significados construídos pelos mesmos ao longo de suas experiências. Um sujeito pode se identificar com determinados estilos, sonoridades que se configuram na rua, como também nos diversos ambientes propostos por muitas pessoas que transitam pelo espaço urbano.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O conceito de desenho se constitui na relação entre os agentes sociais e o meio no qual convivem, surgindo nos processos criativos de produção da realidade, de comportamento, de arte, aprendizado, valores e princípios, mesclados ao contexto de mundo em que os sujeitos vivem. A pretensão de uma delimitação e definição fixa de desenho é um equívoco, visto que a sua complexidade pede maior atenção para apontar-lhe desígnios. Inúmeras discussões sobre o termo partem de estudos multidisciplinares que se movimentam na problemática de reformular constantemente os estudos sobre desenho, sendo esta, portanto, uma pauta atualizada com frequência. Assim, fica exposto que a modernidade cria, a todo momento, novos domínios de observação e o exercício da sociologia e da antropologia, das artes, da arquitetura, da indústria para ampliar o conceito de desenho, sendo uma constante do pensamento moderno.

Autores como Rodrigues (2003), Isoda (2013), Gomes (1996) e Peixoto (2013), sugerem que estudos sobre desenho devem estar concentrados sobre as práticas sociais e as relações culturais porque compreende conflitos, tensões, inovações e mudanças reais. Na linha de pensamento de Rodrigues (2003), o desenho ao permitir integração do indivíduo com o seu meio e em grupos de interesses afins: familiares, partidos, confrarias ou grupos religiosos – aquele que desenha adquire certa liberdade de movimento e ganha peculiaridades e complexidades bem vindas.

Nessa direção, o presente estudo entende que diversos são os desenhos pessoais, do ponto de vista da construção do sujeito, misturam discursos, curadoria de imagens e sons, na paisagem urbana. São imagens carregadas de sentido e de forma cuidadosa são elencadas nas memórias dos sujeitos, para ilustrar a sua “galeria” mental - sendo esta motivação decisiva para a construção da sua identidade, por assim dizer, deixando pistas sobre as suas referências pessoais, abrindo um precedente para que se observe o exercício da subjetividade de cada ator que se lança na aventura

de narrar sua própria permanência no mundo. Contribuindo para uma melhor compreensão do papel da memória na construção e reconstrução das culturas apresentando por diversas vezes um simulacro da vida social e das tradições locais, e a valorização do papel da memória como elemento constituinte da paisagem.

É também por meio da identidade que símbolos e simbologias são expressos na sonoridade de rua organizando de forma intencional ou não desenhos e disposições que caracterizam as intencionalidades e significados que os sujeitos imprimem no ato de demonstrar suas relações com a música e outros sons. O desenho referido no presente trabalho abarca as simbologias estendidas na memória dos indivíduos que possuem em comum o ambiente urbano, colaborando com a construção e no arquivamento de parte da sonoridade de rua contemporânea na cidade de Feira de Santana.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Luis Vidal de Negreiros. **Desenhismo**: Luis Vidal de Negreiro. Santa Maria. Editora da UFSM, 1996.]

HALBWACHS, M. (1990). **A Memória Coletiva** (L. L. Schaffter, trad.). São Paulo: Editora Vértice. (Original publicado em 1950).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 1992

ISODA, Gil Tokio de Tani. **Sobre Desenho: Estudo Teórico Visual**, Dissertação de Mestrado. FAUUSP. São Paulo, 2013

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música: História Cultural da música popular**. Belo Horizonte: autêntica, 2005. Coleção História e Reflexões.

PEIXOTO, Simone. **Pensar o Desenho: linguagem, história e prática**. Guarapuava, UNICENTRO, 2013.

PESAVENTO, Sandra. **MUITO ALEM DO ESPAÇO: por uma história cultural do urbano**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279 – 290.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. **O que é Desenho**. Portugal: Quimera Editores. 2003.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do Mundo**. São Paulo, Unesp, 1997.

SODRÉ, Muniz, **A verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

ZAMBONI, Silvio, **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre a arte e a ciência**. Campinas: Autores Associados, 1998 – (Coleção Polêmicas do nosso tempo; 59)